ALÉM DA CORTINA
AKINDARÁ PRÁDIA ALUENE
(que receba a dádiva)

O CAMINHO DAS POSSIBILIDADES

MIKAEL LENYER

Livro Universo Tardisch 01

Blog: mikaellenyer2a.blogspot.com

Canal youtube: Mikael Lenyer

Lenyer, Mikael
Os tardischs - Além da cortina I – / Mikael Lenyer

1. Ficção – Ação e aventura 2. Ficção infanto juvenil – ação e aventura 3. Espiritual

Capa: de própria autoria

Sumário

PREFÁCIO 9
DEDICATÓRIA 10
O INÍCIO DE TUDO, PELO TEMPO DE GAIA 11
ERA INOMINADA 13
O INÍCIO - Tempo espírito – As dimensões ano 0 e0. 14
EU SOU - Tempo espírito – Surge Zadckiel – 1,1 bi e0. 16
TAMBÉM EU SOU - Tempo espírito – Surge Balael. 19
O ALTO PREÇO - Tempo espírito – Surge Iveagha. 23
TREVAS, ESCURIDÃO E MERCATOR - Tempo espírito – Quem somos, afinal? Demônios? 26
PRIMEIRA ERA - ou Era do começo das eras 32
NÉBADON - Tempo espírito – Um espaço para um paraíso. 33
ESCURIDÃO E LUZ - Elahin 35
SEGUNDA ERA - a era da primeira guerra demoníaca 39
ADEN - Tempo espírito – O paraíso ano 1,369 e2 40
AS SOMBRAS CONTRA O SOL – 1,982 bi e2 - Tempo espírito – um encontro. 47
EGO OU CORAÇÃO – 2,011 e2 51
A REAÇÃO - Tempo espírito – Reagir e cair. 59
A DECISÃO DE CAIR - Tempo matéria – Um pouco mais densos 64
O SISTEMA DE LIRA - Tempo matéria – Resultados da guerra. 71
OS ANJOS GUERREIROS - Tempo matéria – Fomos obrigados! 78
QUEDA E AMOR – 2,013 e2 - Tempo resgate. 86

SAMAEL EM SÊNIOR - Tempo matéria – Revide. 92

ONDE ELES ESTÃO? Tempo espírito – Os irmãos dispersos. . 101

OS TARDISCHS – uma grande dor -2,014 e2 - Tempo matéria – Como aprender a dor. 109

OS ANJOS ZANGADOS – 2,14 e2 115

ATAQUE AO CORAÇÃO 121

SEM ESCURIDÃO – 2,934 e2 133

OS TARDISCHS E O SER DE LUZ 141

ELAHIN E OS TARDISCHS 154

OS ANCIÕES E OS RENEGADOS - Tempo matéria – a expulsão. 157

OS GANEDRAIS 170

A GRANDE BATALHA – LÚCIFER E ESCURIDÃO - Tempo espírito – Uma terrível visão. 177

A CAÇADA - Tempo matéria – Irmão contra irmão. 183

TERRAS DEVASTADAS - Tempo matéria – próximo ao sistema de Satânia 190

SATÂNIA E A PRIMEIRA GUERRA DEMONÍACA – 3,2 e2. 195

O CÓDIGO DOS DESCIDOS 204

NEGRUMO - A QUEDA DE HAAMIAH 212

A ESCOLTA DO VENTO FORTE – FIM DE UM SONHO 219

EVACUAÇÃO 227

FIM DA PRIMEIRA GUERRA DEMONÍACA - Tempo matéria. 234

O PODER ENVIADO 245

TERCEIRA ERA – a era da escuridão e da incerteza. 251

ANJOS DA GUARDA PARA ADEN - Tempo matéria – 0,001 e3 - Frágil proteção. 252

ENCONTRO COM ADEN – mais uma queda 264

UMA COLCHA DE RETALHOS – Tempo matéria – Intrigas... 268

O CORRUPTOR - Tempo espírito – O avanço do mal..... 274

O REI BRANCO – 1,0 e3 281

OS DRAKOS..... 289

O ENGANADOR VERMELHO..... 295

ELAHIN E LÚCIFER 302

A CONFEDERAÇÃO - 1,1 e3 - Tempo matéria – União e força. 308

ELAHIN CAÇADOR..... 321

O RETORNO DO VELHO DEUS..... 326

O GRANDE METEORO 328

QUARTA ERA - Era dos entes e dos bonecos de barro..... 331

AS PESSOAS – 1,29 e4 332

OS DRAGÕES – 1,311 e4 341

ATAQUE POR PROCURAÇÃO..... 345

O MAL QUE SE REVELA..... 349

O DESEJO DE APRISIONAR A BELEZA 356
LÚCIFER E LAYLA 364
A BATALHA DO NINHO 372
GAIA E A TERCEIRA DIMENSÃO – 1,328 e4..... 375
A NOVA EXPERIÊNCIA 386
GANEDRAIS, ELAHIN E O CONSELHO..... 390
O PLANO PARA OS MARCADORES 394
OS SENTINELAS..... 408
AS GUERRAS DE ÓRION 411
A MUTA ELAHIN..... 415
A REALIDADE DA DUALIDADE – TERCEIRA E QUARTA DIMENSÕES 419
OS SÍMIOS 424
O GRANDE COMANDANTE 430
FEDERAÇÃO E GUERRA – 1,329 e4..... 437
A GUERRA FEDERATIVA..... 446
A NOBREZA QUE VOA 453
BRABA, A AZUL DE CORBÉLIA..... 457
A UNIÃO DOS DEMÔNIOS 463
A MORTE DE NEGRUMO..... 468
AS DESCIDAS – 1,329 e4..... 478
ENCONTRO COM AS MUTAS 482

A MORTE DE LÚCIFER 486
OS COLONOS E A EL – 1,33 e4 497
MAESTRA E A EL 505
SURGEM OS HOMENS 510
ENCONTRO COM O REI DOS COLONOS 512
O PRISIONEIRO DA EL 519
DESTRUIÇÃO DE PAKA NUTA 523
A QUEDA 527
OS PREOCUPANTES SINAIS 532
OS ESCUROS SE FORÇAM PARA DENTRO DA EXPERIÊNCIA. 535
A PRIMEIRA GRANDE QUEDA 541
QUINTA ERA 549
TERRÍVEIS EXPERIÊNCIAS - OS NOVOS HUMANOS CRIADOS - 985 e5 550
A LIGAÇÃO PLEIADIANA 560
CONVITES PARA MUTAS - 1.945 e5 563
O SUBSTITUTO 566
SÊNIOR EM LÁZARUS, O ASALONGA – 2.521 e5 572
ADENDO: 579

AVISO IMPORTANTE SOBRE O ANEXO

A fim de facilitar a leitura deste livro, aconselho a darem uma passada de olhos no livro ANEXO DANATUÁS E OUTROS. Lá encontrarão descrição dos seres que aqui se apresentam e muitas explicações sobre ocorrências aqui relatadas, além de fragmentos complementares sobre alguns dos eventos aqui contados, esforço empreendido para que a leitura flua com mais facilidade.

A confecção do ANEXO como livro se deveu ao grande volume de informações, o que acrescentaria muitas páginas a cada um dos livros em referência.

Boa diversão,

Mikael Lenyer

PREFÁCIO

Conto ou mito... Sabem, isso depende. Depende do que você acredita, de para onde direciona a sua energia de criação. Somos todos deuses, porque somos oriundos do UM, e podemos criar. Criamos quando desejamos, quando imaginamos, quando sonhamos; quando amamos ou odiamos ou... quando recebemos inspiração. Eu acredito, piamente, que foi isso o que aconteceu nesse caso específico, em algumas partes. Talvez eu esteja errado e apenas minha imaginação tenha ido muito além de mim e me pregado uma peça, ou talvez não. Não importa, na verdade, se esse trabalho é um conto ou um relato.

Sua alma vai saber...

Akindará,

Mikael Lenger

DEDICATÓRIA

Você foi criado. Deus pensou em você, e você foi criado. Meu irmão, consegue mesmo dimensionar essa verdade, consegue dimensionar a sua importância?

Pense leve e suave sobre isso, mas não deixe de pensar.

Para você esse livro que, espero, te diga algo que não saiba e que, quando pensar em si mesmo, apenas diga, bem devagarzinho, no mais recolhido e silencioso de seu ser: EU SOU.

Akindará

Mikael Lenyer

O INÍCIO DE TUDO, PELO TEMPO DE GAIA

A roda do tempo começou seu movimento, fazendo surgir vidas, fazendo surgir destinos. Como se acorda um deus?

Nem sempre o mundo consciente foi povoado pelos entes, também chamados de pessoas, e pelos homens, inteligentes e frágeis, sem qualquer poder especial que não sua arguta inteligência.

Gaia, esse mundo, não é novo. Ele já passou por muitas dimensões e por muitas eras, e é certo que por muitas mais ainda irá passar. Contam os mais velhos e sábios de Gaia, com trânsito pelo mundo dos espíritos, que sete grandes eras já passaram, e não necessariamente nessa nossa terceira e quarta dimensões e que logo a atual irá terminar e passar também, como passam as águas de um rio ante os olhos. Quando as pessoas começarem a deixar esse mundo em direção a Manita, o reino de cima, a nona era, a era profetizada como a era dos homens, terá início. E esse fim e início anunciados, tal como aconteceu com todas as outras eras anteriores, será marcado por uma violenta crise que envolverá todos os seres viventes.

Sobre a história das eras, apesar da grande variedade de pessoas e da vastidão de seus números, há quase que um consenso, inclusive entre os homens: se há algumas diferenças entre as versões, ao fim elas são poucas, e muitas vezes apenas nos nomes das eras ou de qual espécie ou raça forjou o herói que determinou os rumos das eras seguintes.

Antes da luz havia apenas um vazio indescritível, o nada. O nada era calmo e tranquilo, apenas existindo, sendo tudo em si mesmo. Não havia luzes, planetas ou meteoros, nem bem nem mal; não havia vida, nem mesmo a escuridão ou sua ausência.

Mas então o nada tomou consciência e, tomando consciência, passou a existir e se chamou por vários nomes. Mas a consciência é alcançada quando não é única, porque, sendo única, não consegue se perceber como tal. Sendo como era, um deus, se partiu em mais duas consciências e se fez três faces proeminentes. A face feminina se chamou de deusa Lua, ou Iraci; a face masculina de deus Sol, ou Inti, e o pai de todos, a fonte, o primordial, foi chamado pelos outros de Tupã, o deus Trovão, que também é chamado de Deus, SupraConsciência ou UM. Assim é que uma toma consciência da outra e se descobre e se vê consciente, todas sendo apenas uma consciência, luz em negro vazio.

Conscientes, os deuses acenderam do profundo negror por temerem a não existência e por amarem a luz que Tupã acabara de criar e de se tornar, e se puseram a preencher o vazio onde viviam e que eram eles com suas próprias energias. E sóis e galáxias e mundos passaram a construir naquele vazio, e com esmero e carinho intenso passaram a enchê-los de vida que, como esporos, lançavam de seus corações, inundando com amor os campos que faziam surgir. Foi assim que Tupã, Inti e Iraci, trinos e unos, passaram a ser um deus criador, sob a personalidade única de Tupã, e viram com ternura que o que passava a existir dava-lhes a perspectiva que tanto ansiavam: a visão de si mesmos.

ERA INOMINADA

Era inominada, era da consciência ou era do despertar. Nessa era Trovão ascende do vazio e, tomando consciência de si mesmo, se divide para ser uma trindade, sendo também Inti e Iraci. Assim cria dimensões, universos, galáxias e tudo o mais para encher os espaços, como também cria formas de si mesmos, e passa a inoculá-las de consciência. Aqui se criam os anjos, de onde surgem os demônios. Nessa era foi criada a base de tudo o que existe. Não se tem medida de sua duração, visto a criação do tempo ter se dado nela própria.

O INÍCIO - Tempo espírito – As dimensões ano 0 e0.

Você só entenderá uma verdade quando estiver no mesmo nível dela.

Não temo o vazio que está fora de mim, apesar de que me sentiria muito preocupado se o sentisse dentro do meu peito.

Foi súbito. Eu havia sentido a intenção, mas, mesmo assim, me senti surpreso.

Eu era uma consciência, e eu sentia.

Foi como se eu, uma ervilha dentro de uma sopa, tivesse de súbito tomado ciência da minha condição como indivíduo ainda imerso dentro da sopa, ou como uma gota dentro do oceano, sendo gota e ainda sendo o próprio oceano.

Consciente da minha condição olhei à volta, em todas as dimensões, e descobri que não estava sozinho.

Éramos como colunas de luzes, todos nós, e éramos milhares, milhões de nós. Na hora eu soube que éramos uma coisa só, apesar de nos pensarmos separados uns dos outros.

Mais tarde chamaríamos de queda na experiência esse tipo de condição, e essa foi a primeira queda[1].

Na sopa que éramos, deus que éramos, nos perguntamos se a consciência que eu era poderia ser dividida em um número infinito, com cada nova consciência semeada tendo conhecimento

[1] Para uma visão geral desde a separação de consciências do UM e as quedas que se sucederam, vide o livro de apoio “ANEXO DANATUÁS E OUTROS”.

da consciência do outro. Ainda estávamos unidos e conhecedores de que éramos um, apesar de, estranhamente, me sentir separado da consciência única.

Muitas dessas consciências acharam aquilo o bastante como experimento e se dissolveram, enquanto outras, tomadas de um arrepio estranho, não quiseram mais sentir aquilo, e se anularam.

Mas, superando o sentimento inicial e terrível de nos sentirmos individuais em consciência, muitos e muitos de nós olhamos para a quantidade imensa de possibilidades, e sorrimos. Tudo era novo, extremamente novo, tudo sem nome e sem vida, um vazio para criar. Havia, no início, apenas uma consciência de si mesma, única, absoluta. Mas, agora, só havia "nós", um número infinito de consciência.

Então, em nosso deslumbramento de possiblidades, começamos a vibrar, e vimos que nossas vibrações em diferentes graus criavam coisas diferentes.

Tomados de excitação, num desvario febril e alegre criamos coisas, que dissolvíamos e voltávamos a criar de forma diferente, apenas pelo sentimento de criar. Por longo tempo ficamos brincando assim, até que nos acalmamos um pouco e começamos, realmente, a tentar criar coisas cada vez mais perfeitas e equilibradas.

Assim maravilhados criamos o tempo e o espaço, e as dimensões e multiversos dentro delas e..., nos demos nomes.

Foi assim que tudo começou.

EU SOU - Tempo espírito – Surge Zadckiel – 1,1 bi e0.

Você não é o seu corpo.

Parece fácil, mas não é. Tive que repetir muito para mim mesmo, até começar a ter a verdadeira noção do que representam essas duas palavras: EU SOU!

Eu me senti e me chamei Zadckiel, que mais tarde muitos chamariam, inicialmente, de "o juiz", porque como tal me julguei ser, e de "o abominado" por muitos outros, na longa fita do tempo que começou a se desfiar a partir dali.

Vi, tal como eu fiz, muitos outros se reconhecendo por nomes, alguns iguais e outros diferentes, e eu sabia o nome de todos eles. Com amor chamamos a consciência de onde tínhamos vindo de o UM, a FONTE, o PAI MÃE, ABBAH, e alguns até mesmo de TROVÃO, e ela éramos nós também, como cada um de nós éramos ela, porque estávamos ligados com ela, muito próximos dela, a apenas um "sentir" dela. E ela nos incentivava a continuar, a ver à frente e a reconhecermo-nos como um e como infinitude que éramos e como infinidade de números que podíamos nos contar e conter.

E assim fizemos.

Olhamos para as possibilidades, e do UM que éramos trouxemos a sensação do amor, essa sensação de algo tão grande e importante para o qual não existem palavras para descrever. E, tendo conhecimento dele, vimos que assim sentíamos para cada um de nós e para o UM, e ficamos maravilhados com isso, e nos vimos incentivados a continuar sendo.

Do amor trouxemos a luz, e então vimos espaços que ela, a luz, não estava para poder existir, ou existia muito palidamente. E onde ela não estava, ou fracamente estava, chamamos de escuridão. Não a escuridão da ausência da luz, pois que, tal como nada existe fora do UM, também nada existe fora da luz. Essa escuridão era algo como uma sombra densa, e com ela, com essa luz escura, ficamos maravilhados. Em nossos seres embalamos essas duas possibilidades e as amamos, a luz e a escuridão.

Então condensamos a luz em energia, e logo após em filamentos cada vez maiores e mais grossos, até que surgiu algo, algo que podíamos moldar.

Era a energia mais densa, mais pesada, feita de filamentos espessos, que unimos e trançamos cada vez mais, sempre mais, tornando-as como cordas de energia, que fomos aumentando cada vez mais em número e densidade.

Felizes com as maravilhas que tínhamos, e éramos, porque a energia éramos nós, passamos a utilizar de tudo que havíamos criado para criar coisas ainda mais complexas.

Criamos dimensões, várias, como nichos de vibração, sempre ainda muito próximas da FONTE. Dentro dessas dimensões criamos universos, e dentro deles esses filamentos de energia se tornaram gases, que se tornaram galáxias, que juntamos em glóbulos, e depois sistemas, em núcleos, e nesses sistemas, para que existissem, grandes esferas de energia, em fornalhas de átomos, para poder mudá-la, transformando essa energia em coisas cada vez mais pesadas.

Como crianças rimos pois, como expressões do UM que somos, podíamos nos instalar e animar qualquer coisa da criação.

Foi isso que muitos de nós viram como maravilhosas possibilidades.

Alguns de nós se viram como dimensões e a elas animaram, o que também fizemos com os universos, galáxias,

sistemas, sóis, planetas e rochas, nesse tipo de experiência mergulhando e nos divertindo como crianças, animando as coisas criadas.

Energia bruta, viva, explosiva, éramos nós.

Mas, alguns de nós, criativos, desejaram explorar ainda mais o que fora posto à nossa atenção. Como crianças animadas com brinquedos uns poucos diminuíram mais um tanto a vibração dessa energia e, das explosões de sóis, novos sóis fizeram, e também muitos objetos mais escuros e densos, fazendo surgir, então, planetas e luas. Vimos possibilidades ainda mais fortes nesses objetos, e rapidamente começamos a criar e animar coisas, instalando nessas criações partes de nós mesmos, sementes minúsculas que lançávamos de nossas consciências, e chamamos isso de vida. Ficamos felizes quando vimos uma infinidade de pequenas sementes divinas mergulhando no que criávamos, miríades de irmãos ansiosos por novas experiências que animavam.

Nós não sabíamos, nem mesmo desconfiávamos, da criatura e do criador.

Nossa consciência foi se alterando nesse processo de ser, e sem nos darmos conta começamos a nos modificar e diferenciar, sutilmente cada vez nos acreditando mais separados do nosso irmão, e ainda mais, a acreditar que aumentávamos a distância em consciência que tínhamos do UM. Não tínhamos consciência de que caíamos para dentro de um experimento que estávamos criando. A grande verdade é que muitas quedas ocorreram desde quando fomos tornadas consciências. Foram inúmeros graus de queda, mas, ainda assim, todos nós ainda tínhamos a consciência de como tudo havia começado, e de quem éramos nesse processo.

No entanto, sempre ficava aquela pergunta, como a mônada logo ao meu lado se fazia: E se formos um pouco mais fundo??? E se???

TAMBÉM EU SOU - Tempo espírito – Surge Balael.

Um dia Deus teve a atenção só em você.

Temi mergulhar fundo naquilo que não saia de minha vontade. Tudo é mais suportável quando não se está sozinho, mesmo sabendo que não diminui o sentimento que corrompe a alma.

Ele, o UM, só tinha amor e paz, e só a si mesmo ele via e sentia.

E ele estava curioso.

Assim, se nunca tivesse visto seu próprio rosto e estivesse muito curioso sobre ele, o que você faria?

Em um momento isso aconteceu e ele quis se ver, quis experimentar saber o que era ele mesmo. Ele queria poder se ver por outros olhos, se sentir por outras consciências, para ter a noção do que realmente era, para sentir o amor que era. Ele quis saber como seria se o amor fosse algo a ser visto, a ser conquistado, partilhado, repartido.

A ser descoberto.

Esse era o desejo no âmago da criação.

Quando nós surgimos, surgimos consciência e conscientes dessa curiosidade.

E Ele me separou dele, como uma partícula de consciência.

Eu senti o impacto, duro, terrível, dentro de uma confusão que me desnorteou profundamente. Há pouco eu estava

feliz, imerso que estava no UM e, agora, perdido eu me sentia, perdido frente a um vazio imenso e inóspito que nunca tinha experimentado.

No princípio me chamei por Balael, "o curioso", e eu não estava sozinho. Havia milhões e milhões como eu, parados em frente àquilo que nos era proposto pelo UM, porque nós o éramos, e somos, e sabíamos o que nós estávamos nos propondo.

Não somos bons ou maus, não somos prisioneiros do tempo e do espaço, porque tudo isso nós ainda não havíamos criado; somos apenas curiosos e alegres, infantis, inocentes e ardorosos frente ao desconhecido, apesar de confusos, mas não temos em nós o medo, o receio. Talvez isso estivesse em nós, mas nós ainda não o conhecíamos. Como poderia deus ter medo?

À nossa frente o vazio.

E só!

Tomados de risos febris, como crianças inocentes passamos a expandir a energia que somos e começamos a criar pequenas coisas como universos, e dentro deles inúmeras dimensões que passamos a encher de coisas ainda menores. E galáxias e mais galáxias das mais diversas formas e tamanhos criamos lá, que fomos enchendo de sóis e sistemas, de planetas e luas, de rochas perdidas e... de vida.

Eu estava lá, frente a tudo aquilo, pensando. Minha consciência pulsava forte, cheia de expectativas e possibilidades. Mas então algo aconteceu, e eu fiquei em silêncio frente às criações portentosas que apareciam chamadas à vida por mim e pelos meus irmãos, e vendo ainda uma quantidade infinita deles que desciam para animarem os corpos criados, desde as rochas até os animais.

Eu observava, entretido, perdido, e assim descobri em mim um sentimento estranho: eu me peguei preocupado por descobrir coisas e verdades que não desejava, apesar de saber que

isso era parte do que nos propusemos a experimentar, porque eu havia me voltado para observar o UM.

O Pai UM é uma dimensão, que são várias em quantas vibrações ele pode existir, que são infinitas. Mas nós, suas sementes lançadas, vibramos menos que ele, porque foi assim que conseguimos nos tornar a própria experiência.

Eu havia descoberto o que era estar separado.

Foi isso que eu vi, nu e cru: quando nascemos, quando fomos destacados, erroneamente acreditamos que estávamos separados Dele. Esse foi o momento em que começamos a cair, esse foi o momento em que demos início à queda.

Vi alguns de meus irmãos ejetando de si consciências, se partindo em miríades de partículas divinas que semeavam de si mesmos, cada lançamento em uma vibração menor, buscando expandir cada vez mais a experiência, porque eram muitas as possibilidades que se abriam.

Observei novamente o UM, e vi que era isso que se buscava desde o início da queda. Por isso me deixei feliz por cumprir Seus desejos; por isso me voltei com enorme determinação para a experiência.

E estávamos tão alegres, infantis que éramos, que desejávamos experimentar tudo ao mesmo tempo, perdidos que estávamos no paraíso.

Por isso, a cada nova divisão nós nos perguntávamos se conseguiríamos descer um pouco mais, e assim fomos nos dividindo mais uma vez, e mais uma e mais uma.

Foi natural, após um número imenso de divisões, que uma pergunta surgisse em nossos corações: até quando conseguiríamos ir? Conseguiríamos nos dividir mais uma vez, e mais uma?

Foi essa a pergunta que me veio enquanto observava as imensas possibilidades do que criávamos: até quando conseguiríamos ir, ao diminuir cada vez mais nossa vibração?

E eu bem sei que essa não era uma pergunta só minha.

Uma mônada ao meu lado se fazia a mesma pergunta: E se???

O ALTO PREÇO - Tempo espírito – Surge Iveagha.

Foi nesse momento que você, como anjo, tomou consciência.

Ignoro o que me fere, até o ponto em que chego a acreditar que sou imune.

O imenso anjo Iveagha viu duas consciências um pouco distantes pulsando estranhas. Na hora algo chamou sua atenção, percebendo que elas iriam tentar algo temerário. Resolveu ficar por perto, curioso sobre o que seria.

Então viu as duas mônadas se unirem a outras. Luzes passaram a pulsar erráticas no meio delas, como se estivessem construindo alguma coisa. Sem poder se segurar se aproximou um pouco mais, e assim conseguiu ver que eles manipulavam linhas de força eletromagnéticas, que se irradiavam como se fossem nervosos e crepitantes relâmpagos de intenso poder em variadas cores.

Naquele momento, imerso na consciência daquele grupo, acreditou saber o que pretendiam, e não achou erro nisso.

Mas, precisava ter certeza.

Tomado pela curiosidade volitou até aquele grupo. Zadckiel e Balael se apresentaram e o acolheram calorosamente. Tomados de felicidade e euforia confirmaram que realmente estavam tentando criar o que ele pensara ser.

- Não acham isso muito arriscado? – cismou Iveagha em voz alta. – Eu soube que alguns tentaram cortar definitivamente a ligação com o UM, e todos disseram que isso é impossível.

- Aprendemos com o erro deles – declarou Balael com orgulho, o que acendeu um leve sinal de alerta, que Iveagha resolveu ignorar. – Agora, tem tudo para dar certo – completou.

- E, caso a experiência não seja o que pensamos que pode ser, é só cancelá-la e retornar – afirmou Zadckiel tomado de confiança.

- Mas, e se não conseguirem voltar?

Zadckiel e Balael se entreolharam confusos com aquela pergunta.

- Ora, e como isso seria possível? Somos o que somos, e não há possibilidade de não conseguirmos cancelar essa experiência. Além disso, fomos tornados consciência para isso, não foi? Não foi essa missão que nos propusemos, em nome do UM, para o UM? Não foi isso que ELE sussurrou em cada um de nós?

Iveagha ficou em silêncio por um momento, vendo verdade no que ouvira, a luz branca de prata de que era feito pulsando suave. Tomado de uma alegria infantil se abriu, tentando ver as possibilidades que iriam ser descortinadas.

Estranhou quando não conseguiu vê-las.

Estendeu um pouco mais a sua consciência à frente no tempo daquela dimensão, procurando por qualquer possibilidade que seria aberta pela nova abordagem da experiência. Mas, continuava a não as encontrar, e isso o deixou muito preocupado.

- Vocês conseguiram seguir as linhas estendidas da experiência? Não consegui examinar as possibilidades que podem ser abertas. Por que não consegui encontrá-las?

- Ah, aí é que está... Viu só? Isso é que é a experiência. Algo totalmente novo e nunca tentado. O UM ficará muito orgulhoso do que iremos conseguir aqui. Um novo caminho, nem mesmo sonhado. Vocês não conseguem ver isso?

- Eu estou muito empolgado com isso – Balael declarou, a felicidade pulsando sua energia amarela.

- E quanto a você, Iveagha? – perguntou Zadckiel tomado de uma luz iridescente, alegre que estava.

Iveagha examinou Zadckiel, e viu a expectativa que o tomava. Então, tentando retirar de si a indecisão que o bloqueava, se voltou para Balael, e tal como seu irmão, ele também exultou com aquela possibilidade que estavam para abrir.

Como poderia uma confiança como aquela que seus irmãos demonstravam ser por algo que contivesse em si uma falha, uma possibilidade não desejada?

Como poderia estar errado algo como aquela experiência?

E, ainda, havia aquele “e se...”, e o cumprimento do acordo com o UM, de experimentar tudo o que fosse criado.

Então, Iveagha acabou aceitando o convite para participar da experiência junto com aquela imensa multidão de anjos. O que poderia perder?

Na energia que era e que pulsava pensativa, lá estava o que o confortava: se não desse certo teriam apenas que cancelar a experiência, zerar o processo e retornar. Não foi isso que eles, os seus irmãos, disseram que seria possível? Não foi isso que os que haviam tentado antes deles haviam feito? Além disso, é certo que o UM estava de olho. Tinha certeza de que Ele impediria que prosseguirem se houvesse qualquer risco.

Não impediria?

O que poderia dar errado, então?

TREVAS, ESCURIDÃO E MERCATOR - Tempo espírito – Quem somos, afinal? Demônios?

Desde então, ele o tem sob atenção.

Sei da sua dor e do que o consome. Tenho o mesmo em meu coração.

Zadckiel não podia acreditar que um desespero e uma dor como aquela pudessem existir. E aquela terrível surpresa não era somente dele.

Por anos-luz a toda a volta via sofrimento em graus diferentes, em maior e em menor grau que o seu.

Não conseguia definir qualquer coisa, nem se fixar em nada. Havia só aquela dor e aquela agonia insuportáveis.

Tudo aconteceu logo que o mecanismo foi acionado, sem qualquer diferença de tempo.

De forma súbita linhas de força de extremo poder os foi atingindo, aprisionando-os, um a um, aos milhões que estavam ali e que tinham suas mentes abertas para aquela experiência. Havia aquela sensação de freada violenta e de uma força que tentava arrancar com sanha bestial a energia que eram. A dor era monstruosa e insuportável.

Balael se dobrou em agonia e terror, como muitos dos anjos que estavam ao seu lado, sons horríveis ecoando como golpes em tudo o que eram. Sentiu que estava enlouquecendo, pois muitos sentimentos e sentidos caóticos o estavam atingindo.

Iveagha sentiu um impacto seco e doloroso, como se tudo o que era estivesse se estilhaçando e se fragmentando. Tudo

escureceu e uma dor imensa o tocou e exigiu sua absoluta atenção. Olhando em volta sentiu uma solidão e uma separação que nunca tinha experimentado antes, o que o deixou ainda mais assustado.

Tomado de desespero sentiu que não fazia mais parte do Trovão, e até mesmo que seus irmãos lhe eram estranhos. Horrorizado sentiu que toda a luz havia se ido, e que não conseguia mais encontrá-la. E havia aquela sensação que a tudo envolvia, como que de um imenso e terrível abandono e uma solidão esmagadora.

Apavorado, sensação com a qual ainda não estava familiarizado, sentiu como se estivesse se afogando num líquido escuro e denso, longe da luz, longe do amor que sempre fora onipresente e, ainda mais destruidor, fora do alcance do UM. E essa força que o afogava parecia puxá-lo cada vez mais para uma densidade que o isolava de tudo o que havia.

Mas, era só voltar, não era?

Desesperado e desolado gritou de dor e elevou um grito de clemência ao alto:

- Pai Trovão, pai Trovão, por favor, não quero isso, não quero essa dor. Eu não sabia. Me deixe voltar, me deixe fazer parte novamente. Não quero ficar sozinho. Eu só queria experimentar, buscar em seu nome.

Com horror ouviu algaravias terríveis e hediondas de sons que o engolfavam e que não conseguia mais entender, por mais que se esforçasse. Eram vozes guturais que não entendia. Ondas de escuridão passaram a se mover à sua volta, densas, que pareciam se enroscar em sua energia, gritando ofensas e impropérios, puxando-o e empurrando-o com rudeza para todos os lados.

A loucura o ameaçou.

Sabia, sem saber como, que seus irmãos estavam passando pela mesma situação. Procurando juntar forças os

procurou, mas viu que estava sozinho naquela escuridão negra e cinza, cheia de sons estranhos e ásperos que mais pareciam gritos de agonia e ameaças desconexas.

Subitamente uma voz fendeu aquele horror.

Tomado de um desespero desmedido procurou a fonte. Mas, por mais que se esforçasse desesperadamente não a achou, não conseguindo, nem mesmo, definir de onde tinha vindo.

Então algo chegou à sua alma, o que fez sua alma se acender, feliz por acreditar que o UM o tinha ouvido. Seu peito se encheu de felicidade, mesmo que algo lhe soasse como um aviso. Ante toda a ofensa e dor que se revolvia ao seu lado se pôs em silêncio, procurando ter certeza de que ouvira algo que só poderia ser o Trovão: "Nunca o abandonei, nunca o abandonarei. Tudo vai dar certo, confie! Nunca estará só...".

- Eu acredito! – gritou dentro da opressiva escuridão.

Como uma criança caída em um poço estendeu os braços para cima, esperando ser resgatado. Mas...

Com fúria, Iveagha procurou ainda mais desesperadamente pela fonte daquela voz tão amada, por Trovão. Por um tempo longo demais o procurou, mas só havia aquela voz que se tornava cada vez mais sutil, até que parou. Chocado ficou frente ao silêncio, até que sua mente começou a lhe dizer que era ele mesmo se enganando, dizendo coisas que desejava ouvir.

A voz que pensara ouvir era apenas sussurros seus, se disse então, disso se convencendo.

Algo amargo cresceu em seu coração, se perguntando se não se deixara cair em uma cruel armadilha, se não se deixara ser enganado por alguém por muito tempo chamara de UM.

Horrorizado sentiu sua energia se adensar abruptamente e a escuridão pesar ainda mais.

Sua energia pulsou fracamente no vazio que sentia em si mesmo.

- Estou só, mesmo que outros estejam comigo, eu sei agora – reconheceu, a atenção percorrendo a criação vazia, inóspita e escura que parecia cada vez mais se fechar sobre ele.

Foi nesse dia que foi reconhecendo e dando nomes a sensações que o percorriam: medo, desamparo, solidão, tristeza, escuridão, vazio, e toda sorte de coisas pesadas e destacadas da luz. E viu que, mesmo que isso não lhe trouxesse algum alívio, o deixava de alguma forma confortável, ao se enganar que lhes obtinha controle.

Por fim sorriu resignado, acabando por aceitar o que era, se dizendo que por muito tempo se deixara enganar, ao acreditar em algo diferente.

- Como pude me enganar, achando que era parte de algo? – gemeu para a escuridão que abraçava.

Nesse momento viu novamente seus irmãos, alguns negros e alguns outros cinzas, alguns enormes e alguns pequenos, alguns se revolvendo como trapos na escuridão e outros se batendo em sua forma dahel[2], onde só o vermelho dos olhos de alguns, e amarelo de outros, se destacavam maldosos, cheio de rancor e poder.

E viu os que haviam se dado a forma dahel se olharem envergonhados, criando para si mantos, armaduras e sombras espessas, com tudo isso se cobrindo.

- Que seja assim então – ouviu um de seus irmãos, um dos maiores, gritar para as imensidões com a voz banhada de tristeza e medo, tomado de dor dentro daquela terrível escuridão, como um desafio cheio de lamentações ao deus que os havia traído. – Eu sou Trevas, e não mais Zadckiel... – gritou como um desabafo ferido.

[2] Forma humanoide. Vide o livro “ANEXO DANATUÁS E OUTROS’, do mesmo autor.

- E eu sou Escuridão, e não reconheço o nome Balael – lamuriou um outro gigante que estava mais perto.

Como que hipnotizado, Iveagha ouviu os outros, restos de anjos como eles, se nomeando um a um na voz dolorida e magoada. E os ouviu se chamarem de os "abandonados na noite", os "traídos", de demônios os viu se reconhecendo.

Com uma dor na fonte de seu ser, onde pulsava o seu agora pequeno coração centelha, do corpo de manto que para si criara, dentro das roupas que se dera que se estendiam como capa e plumas ao seu redor, olhou para os lados, buscando pela última vez uma luz que lhe desse esperança. Por longo tempo ficou esperando, ignorando sua própria voz que ridicularizava sua espera; como por longo tempo ficou ignorando as vozes de seus irmãos que o incentivavam a despertar e se deixar cair ainda mais, e de outros que se riam e debochavam de sua tola esperança. Por fim, baixou a cabeça, mortalmente desamparado.

- Está na hora de aceitar que fui enganado por muito tempo, e que a traição é a única certeza que devo ter. Por Iveagha fui chamado quando fui criado, mas, agora, por Mercator me chamo. Mercator eu sou, flagelo eu sou.

Com ódio olhou para a criação, e com um grito feroz a fendeu.

- A luz é o mal que escravizo, e contra ela eu sou – gritou levantando a cabeça e encarando com fúria os sóis que cintilavam na escuridão. - A luz de onde um dia acreditei ter nascido renego, e dela vou me utilizar para a fazer retroceder, colocando em seu lugar a verdadeira natureza das coisas, a escuridão de que sou feito – rilhou, fazendo surgir em suas mãos tochas de luz, que em garras moldou. Após observá-las com orgulho e prazer por um tempo as recolheu nas pequenas bainhas nos braços eu se deu, dentro das largas mangas, ocultas em manto de densas neblinas se disfarçar. – Demônio nasci, demônio sou pelos tempos... –

gritou em desabafo, - e horror é tudo o que posso oferecer, porque é tudo o que eu sou.

Então olhou para os lados, vendo que todos os outros que tinham a forma dahen se davam espadas, enquanto garras afiadas se davam aqueles que se fizeram mantos pesados e tristes como ele mesmo fizera.

Girando sobre si sua atenção avaliou de modo seco e indiferente a solidão que sentia, e a rejeitou, porque agora via que estava cercado por imensa quantidade de irmãos.

> Demônio agora eu sou – gritou possesso. - E, agora, eu não estou mais sozinho.

PRIMEIRA ERA - ou

Era do começo das eras

Duração de 6,3 eons[3].

A era onde foi iniciada a criação de tudo o que existe, e que ainda não existe. Nessa era houve a criação do universo Thanis, que mais tarde seria renomeado para Nébadon.

[3] Inicialmente, esta era uma medida que correspondia a um giro completo da barra central da galáxia de Onariáh em torno de seu centro. No entanto, com a criação do sistema de Satânia e, pouco após, de Aden, ficou convencionado que sua medida de tempo seria o de 01 bilhão de revoluções de Aden em torno de Dakir Bhan, o seu pequeno e estável sol amarelo.

NÉBADON - Tempo espírito – Um espaço para um paraíso.

Se você veio de Deus, se você é uma parte de Deus, então você é Deus.

Um pequeno toque, trêmulo de esperança. Por mais que tentasse não conseguia imprimir a essência da minha alma, até que...

O poderoso elohim, o construtor nominado, emergiu naquele intenso vazio. Por muitas eras apenas ficou vagando naquele lugar onde nada havia, nem escuridão nem luz, nem vibração nem vida encontrando ali. Cismando ficou tentando imaginar o que poderia ser posto ali, tal como outros elohins que, de quando em quando, emergiam ali, ao seu lado.

Há muito já se havia dado por finalizada a tarefa de montagem do superuniverso de Orvônton, mas os construtores sentiam, em seus íntimos, que faltava algo. Talvez por isso tivessem deixado aquele largo espaço do superuniverso disponível. Porém, por mais que imaginassem, por mais que embalassem esperanças de conseguir, não se davam por satisfeitos com o que criavam.

Já era a terceira tentativa de criar um universo ali, que desfaziam, desanimados que se pegavam. Mas, havia um sentimento que não permitia que desistissem. Em suas consciências sentiam a expectativa do UM, incentivando-os a não desistirem, a imaginarem sem pressa, com amor.

Foi em um momento descuidado de um dos elohins, gigantesca torre de luz de milhares de anos-luz, que uma criação

maravilhosa e única cintilou. Talvez, se ele tentasse recriar aquele momento, é provável que não conseguisse. Ele cintilou feliz, sabedor de que, provavelmente, fora por obra do UM que aquilo surgira.

Sendo o UM, que também eram, se puseram a examinar a nova criação, que se mostrava como uma bolha de sabão, cheia de luz e cores, tão belas e vivas como nunca haviam visto.

Maravilhados com aquele universo, com uma lentidão prazerosa se deixaram mergulhar nele. Com carinho retocaram uma galáxia ali, um sol acolá, rearranjaram um sistema solar que estava em risco de extinguir-se, construíram uma nebulosa num canto, criaram um belo sol azul todo poderoso num canto, e outros inúmeros sóis anãs-laranjas e anãs-vermelhas, para que durassem por quase toda a eternidade. E experimentaram alterar as cores e tamanhos de muitos sois e planetas e luas, em retoques tão suaves que a diferença entre o universo original e este era quase imperceptível.

- Thanis – suspiraram para dentro dele, nomeando-o como uma bela criação. – É aqui Thanis, o universo criador – reconheceram, como uma sementeira de coisas incríveis.

Como artistas vagaram sem pressa pelo novo universo, todos eles, enlevados e felizes.

Então, satisfeitos com o que viam, se concentraram em si mesmos e dispersaram uma quantidade infinita de suas consciências para dentro dele, se partindo miríades e miríades de vezes, semeando as nebulosas, galáxias, sóis, planetas e luas com o que eram.

Tomados de alegria cresceram ainda mais e explodiram em luz, levando vida a cada pequeno ponto que haviam criado. Satisfeitos, mal cabendo em si, em paz viraram-se para dentro e olharam diretamente para o UM, que lhes sorria de volta.

ESCURIDÃO E LUZ - Elahin

Deus não está distante, ele está te ouvindo, porque você está dentro Dele.

Por mais medo ou terror que assole o nosso coração, não há como deixar de ouvir quando ele se pergunta: o que mais há?

Eu observava, e por isto vi o momento em que aqueles milhões de irmãos desistiram, o momento em que abriram mão das possibilidades, em que deixaram de lado suas perguntas e se deram por satisfeitos; o momento em que se aceitaram como apartados irremediavelmente, enganados que estavam, se submetendo ao sentimento estranho de insegurança que começava a se insinuar, permitindo que se tornasse um pouco mais aparente.

Mas não vi isso em mim. Como eu poderia parar se a pergunta ainda estava ali? Então me voltei mais para dentro de mim e me incentivei: por que não?

Devagar, com a respiração presa, fui descendo, baixando a vibração que eu era, mais e mais. A escuridão se adensava poderosamente, era fácil perceber, bem como um frio estranho parecia aumentar, e um receio que eu me esforçava em ignorar. E não era só isso: os sentimentos caiam ainda mais rapidamente, se tornando cada vez mais caóticos e repletos de algaravias, onde me ver, me ouvir e me sentir parecia cada vez mais dificultado. Neguei atenção a esses sentimentos gritando, cada vez mais raivoso, que meus inimigos haviam me encontrado e queriam me negar a possibilidade de que eu tivesse sucesso e fosse laureado

pelo UM, pois era certo que eles temiam, invejoso que se mostravam, que eu chegasse até mesmo a tomar Sua posição, com tudo isso se reforçando, pois isso era extremamente crível ao meu coração.

Assim convencido do que me ouvia dizer, resoluto me forcei cada vez com mais violência para o fundo, acreditando que estava me forçando para frente, sempre mais violento eu me tornando, contra tudo e contra todos que eu mesmo criava.

Não dei importância ao ver que a escuridão se tornava algo muito mais sólido e quase impenetrável, se formando ao meu redor e me trancafiando num sarcófago que eu criava por dentro.

Com ódio, acreditando em meu discurso, cravei com determinação minha vontade na escuridão que me tornava até que, de forma surpreendente, numa explosão oca que fez vibrar cada ponto de energia do que eu era tudo ficou em silêncio e se desfez.

Confuso e maravilhado observei que estava novamente frente ao vazio, com meus irmãos, milhões e milhões deles, cismando sobre o que poderia ser feito ali, naqueles espaços novos e vazios.

Virei-me e observei o UM, me perguntando quantas vezes eu iria reviver aquilo, porque era certo que aquela não era a primeira, nem seria a última vez de me forçar ao extremo de descer.

Então me voltei novamente para a experiência vazia e mergulhei fundo, tomado de euforia e desejo, vendo novamente o horror, medo, ódio e frustração, e sentimento de vingança e de tudo o que a escuridão podia fazer nascer num coração se agigantar em mim, acreditando que logo estaria novamente na luz, frente ao UM, com toda uma nova carga de experiência que eu trazia para Ele, pronto para recomeçar uma outra vez.

Porém, algo diferente aconteceu em alguma repetição daquela experiência...

Tudo estava quieto, em expectativa, como se aguardando algo. Me vi novamente, e havia apenas o vazio solidão, pesado, hostil, criminoso e maldoso. Me forcei para baixo, mais e mais, com tudo novamente se adensando com violência, até que tudo parou novamente. Uma escuridão absoluta, um frio e um terror, tudo isso cheio de coisas estranhas que ali se moviam vinham das profundezas ainda incriadas em direção ao meu próprio ser.

Abanei as mãos e desfiz tudo isso, na esperança de um recomeço.

Consegui em parte.

Porém, descobri com temos que não conseguia desfazer a solidão e a escuridão.

Em vão tentei me lembrar, rever a luz imensa e absoluta que era o UM. Me peguei frustrado, porque até mesmo essa visão era difícil de manter.

Assustado vi que eu não conseguia mais ser e ver a absoluta luz, e que havia algo novo ali, algo de que eu não conseguia me lembrar mais.

Então, assombrado, percebi que eu começava a perder minhas lembranças, e isso eu chamei de esquecer. Tomado de amargura me encolhi e chorei, gemendo por perdão.

Mas, não houve resposta, e nem uma presença amável no meu abandono.

Subitamente, como se eu tivesse passado por uma porta, eu entendi.

Horrorizado gritei que eu sempre estivera certo, que tudo fora feito para que eu me perdesse, e que até mesmo chegavam ao absurdo de tirar de mim as lembranças que eu tinha da... luz, mesmo que agora ela me parecesse tão pequena e sem importância.

Foi nesse momento de desespero que algo veio se insinuando, um conhecimento sensação que resgatei dos quase desaparecimentos pelos quais eu sabia de alguma forma que eu já havia passado inúmeras vezes, que curioso e irritado segurei ante meus olhos.

De súbito ri nos espaços, me maravilhando com isso.

A escuridão ainda estava ali, pesada, densa, inóspita e árida, mas também havia uma outra face, singela, calma, luminosa, que sorria gentil.

Abri minhas mãos perante meus olhos e fiz surgir um raio de luz, que dividi em milhares de cores diferentes, nelas me deixando perder, deixando meu coração se encher de alegria e de uma felicidade que foi se agigantando com suavidade. E, em cada cor, em cada tom, eu via a luz e a escuridão.

- Luz e escuridão – sussurrei para os espaços agora iluminados.

Olhando as duas faces vi que eram apenas uma, e meu coração sorriu e me disse: agora estou bem...

- EU SOU – reboei suave na escuridão, amando a ela e à luz.

Tendo meu coração aliviado, mesmo sendo escuridão e luz, olhei para o que sou, e me reconheci como Elahin.

SEGUNDA ERA - a era da primeira guerra demoníaca

Duração de 3,2 eons

Nessa mesma era, decorridos 1,369 eons o planeta Aden é criado dentro do sistema Satânia, sendo quase que imediatamente cuidado pelos anjos. As primeiras levas escuras chegam ao sistema Satânia e ao planeta Aden em 1,982 eon, já sendo, de imediato, envolvido na "primeira guerra demoníaca", que explode entre os anjos e os demônios. O término dessa era é marcado quando o Trovão envia um raro e poderoso arquianjo para dar fim à guerra, um pouco depois de o demônio Mercator matar um arcanjo. Por Sua ordem os demônios são aprisionados e os anjos são repreendidos. Nessa era Aden é colocada sob quarentena e o UM, triste com o potencial de destruição de suas criações, se ocultou de todas elas.

ADEN - Tempo espírito – O paraíso ano 1,369 e2

Tudo é energia.

> *Como se pode definir o amor? Não existem palavras que o possa definir, e isso porque é um sentimento do espírito. Mas, consegue sentir? Isso, que parece que faz a alma explodir e se apequenar, que cria esse silêncio maravilhado é o que se aproxima dele? Como você define o amor?*

Começou conhecido como universo Thanis, dentro do superuniverso Orvônton, o sétimo, que quer dizer apenas "o lugar", como uma referência a algo em especial, e que, após ser invadido pelas sombras, passou a ser conhecido como universo de Nébadon.

Dentro do universo de Nébadon havia uma pequena galáxia chamada Onáriah, que tinha em si o sistema de Satânia, com capital em Jerusém, na dimensão oito. E havia esse mundo que chamamos por Aden, que um dia seria conhecido como Urântia, dentre outros nomes. Ele ainda estava em formação, apenas uma rocha derretida girando no espaço em torno de um pequeno sol recém-nascido, e um outro planeta um pouco mais afastado do sol que se incandescia, que bem mais tarde chamamos de Mitra, e um terceiro planeta, segundo em sua posição em torno de seu sol, que nominamos como Vintra, eras à frente. Os três planetas traziam em si imensas possibilidades, o que nos deixou

por demais alegres, e os chamamos de as três irmãs, porque suas mônadas estavam grávidas de possibilidades.

Quando vi os três planetas me enchi de prazer, tal como os outros da família. As sementes que habitavam cada um daqueles pequenos lugares tinham uma canção suave, cheia de promessas e alegrias.

- Todo esse sistema se espalha pelas dimensões – murmurei, vendo que o manifestado em cada uma dela pouco diferia de uma dimensão para outra. Não dei importância a isso, por ser esse um fato comum, quando uma mônada se fixa em um corpo planetário e passa a habitá-lo. – Logo as dimensões vão começar a ficarem diferentes – finalizei, tentando imaginar como seria essa diferenciação.

- Satânia desceu sua vibração até a quinta dimensão... - Jophiel pensou.

- Ela está seguindo as vibrações de Thanis – Haamiah esclareceu.

- Aqui irão acontecer coisas maravilhosas – Lyah murmurou, a sua luz brilhando com carinho.

Sorri com essa declaração, porque todos nós sentimos o mesmo. Por isso nós não resistimos, nem quisemos resistir. Sentimos que havíamos encontrado algo que realmente ressoava com nossas almas.

- Esses são diferentes – apontou um de nós totalmente enlevado, a luz violeta brilhando livre.

- Deixemos que continuem pequenos, esses mais perto do sol, e vamos projetar nossas essências neles – sugeriu um outro, feliz com as possibilidades que via.

Realmente, aqueles eram planetas que seriam pequenos, conferimos. Eles ainda estavam em formação, e levariam milhões e milhões de suas evoluções em torno de seu humilde sol para que vingassem. Mas eram tão belos, e as mônadas que neles se

instalaram eram de um brilho tão suave e gentil que todos nós ficamos comovidos.

E elas estavam em pleno processo de criação, desde as mais altas dimensões.

Quando descemos para a sexta e quinta dimensões, onde o sistema Satânia estava finalizando suas providências, vimos imensas possibilidades de beleza e riqueza de luz.

Então, sabendo que elas ressoavam com o que éramos, decidimos que iríamos ajudá-las.

- Eu vi isso algumas vezes – um de nossa família ficou cismando, enquanto se mostrava atento a uma tendência que se insinuava por toda a Satânia enquanto observava rapidamente as linhas de tempo que se projetavam.

Com lentidão deixei minha energia se recolher um pouco, tentando entender o motivo para tal decisão. Por toda Satânia, como uma onda, se espalhava a decisão de descer o mais fundo possível a vibração, atingindo inicialmente a quarta, e logo após, a terceira dimensão. Estendi minha visão, e vi que essa era uma inclinação que se mostrava natural para Thanis.

- A vida vai se instalar, por muitas e muitas eras, até a quinta dimensão. A quarta e a terceira permanecerão quase vazias de vidas – falou um de nossos irmãos, os pensamentos equilibrados e gentis, o que talvez permaneça assim por um tempo ainda maior.

- São dimensões frias e estranhas – observou Anaita. – Principalmente a terceira. Há uma particularidade ali, como se os eventos seguissem uma sequência imutável...

- O tempo ali não é o aqui e agora, mas algo mais duro, feito dessa dimensão dura – esclareceu o mesmo irmão de energia suave.

- Sim... E, também, essa dimensão, essa terceira, parece ser representada apenas por duas energias, que são conflitantes. É uma dualidade...

- Provavelmente causada pelo endurecimento da vibração... – cismou.

- Sim, é o que parece ser – Anaita concordou.

Amainei um pouco mais minha energia, visões se desenrolando ante mim.

Sorri pelas experiências que se anunciavam, voltando minha atenção para os planetas que bailavam em torno do sol gentil.

O planeta mais próximo dos três era o mais sensível, pela proximidade com seu sol. Vimos que em pouco tempo ele seria tornado inóspito em suas expressões de dimensões mais baixas, da terceira e quarta dimensões, e para essas dimensões em Vintra dispensamos apenas carinho.

Mas os outros dois...

Estabilizamos o sol e seus planetas, dando ordem ao caos. Como jardineiros, tomados de um projeto maravilhoso, nos empenhamos em tornar aqueles lugares, principalmente o terceiro e quarto planetas em toda sua gama de dimensões, em magníficos jardins.

Para o terceiro planeta trouxemos um outro quase da metade de seu tamanho e os unimos, e dessa união poderosa surgiu um cinturão de destroços, que fomos juntando até que criamos uma lua que fixamos em seu céu. Também trouxemos água que irrigamos seu solo de fogo, e criamos vida celular, que com extremo carinho cultivamos e criamos, fazendo evoluir em número e novas formas.

Para o quarto planeta fixamos duas luas pequenas, sem muitas pretensões devido ao seu tamanho, apesar de ser ele que nos dava as maiores esperanças. Trouxemos cometas e irrigamos

sua superfície, e também nele nos esforçamos em criar vida, que rapidamente foi evoluindo. Esse amadureceu mais rapidamente que o terceiro. Apesar de termos ficado tentados a fixar um pequeno planeta para orbitar na quinta ordem, resolvemos que não seria aconselhável, visto que o tamanho dele, em comparação com o pequeno quarto planeta, poderia frear perigosamente o movimento orbital daquele, tanto ao redor do sol quanto em torno de seu próprio eixo. E também, o que definitivamente nos desestimulou desse novo planeta foi que, se tentássemos colocar algum corpo mais avantajado naquela posição teríamos que protegê-lo do poderoso gigante de gás que se fixara nas proximidades.

- Esse é difícil... - estudei. - Ele logo vai se esfacelar e vai virar um anel de meteoros nessa Órbita. E seus pedaços maiores vão acabar sendo puxados pelo gigante.

- Apesar de me sentir tentado por esse quinto planeta, que para mim se chama "Lua Solitária" – Dangelo confessou, – reconheço a sua impossibilidade – falou, a custo dando-lhe as costas.

Já, o terceiro planeta, incrivelmente fecundo, nos exigiu um nível maior de controle. A vida ali se multiplicava ferozmente e em tal diversidade que nos maravilhava. Mas, Mitra tinha prioridade, e tínhamos uma linha de tempo como plano mestre. Assim, quando a vida disparava no terceiro planeta, estando fora do tempo de maturação ou quando mostrava que estava evoluindo para uma forma não planejada ou não desejada, extirpávamos aquela linha de tempo e a recriávamos em uma nova forma, tendo muito prazer nisso.

Apesar da linha de tempo do segundo apontar que seu tempo seria extremamente curto para a terceira e quarta dimensões, nos empenhamos nele também. Trouxemos água e irrigamos sua superfície, mas não trouxemos qualquer lua, porque

seu movimento já se mostrava com potencial de retardamento pela proximidade com o seu sol.

Para os três fizemos algas e trocamos o ar, e fizemos formas de vida mais evoluídas. Com inaudito prazer planejávamos e criávamos em nossos espíritos essas novas formas, e as passávamos para os três planetas, que as fecundavam em seus ventres e lhes davam as formas mais diversas e mais densas, ornamentando-se com elas.

Todos nós, a cada forma animada que surgia e vingava, nos alegrávamos e cantávamos e dançávamos.

Éramos felizes, como crianças soltas no paraíso.

É certo que todos os planetas eram belos e singulares, mas não havia nada que se equiparasse às três irmãs.

E os jardins que passamos a ser junto com elas cresceram em número de belos e majestosos seres, de plantas, animais e cristais, e montanhas e rios e ar. Nada era perdido ou feio ali, e nossas almas não se continham de amor e felicidade.

- Aqui está... – sorri satisfeito, observando a vida que se desenvolvia na superfície dos planetas.

- Muitos irmãos estão vindo para cá e entrando nas formas que criamos. Todas as formas estão se animando – falou um que estava ao meu lado, maravilhado com o que acontecia nas águas, no ar e na superfície sólida das três irmãs.

- Essa é Aden, o paraíso, a prenhe de vidas – apontei para o terceiro planeta, - e aquele quarto planeta é Mitra, e aquela é Vintra – disse sobre o quarto e o segundo, nomeando às três irmãs, transbordando de felicidade.

- Veja, Aden está realizada. A parceria conosco está criando um paraíso como nenhum outro, e ela sabe disso – reconheceu um outro, totalmente satisfeito. - Ela é muito rápida e muito fecunda – saboreou.

Talvez tenha sido por isso que tudo aconteceu.

Por milhões de revoluções de Aden em torno do seu pequenino sol nos ocupamos de cuidar e desfrutar do sistema, e deixamos de prestar atenção a todo o resto da criação, e do que acontecia nela.

Tão entretidos estávamos com aquelas maravilhas que não vimos o que estava acontecendo em Orvônton e em outros universos e multiversos, que se expandia violentamente como uma onda escura e irresistível. Mas, mesmo que tivéssemos visto, não conseguiríamos entender o que era, e nossa surpresa seria a mesma.

Como poderíamos ter-nos preparado?

Éramos simples demais em nossa inocência, naqueles primeiros tempos.

Quando fomos atingidos por aquela força estranha, feita de uma vibração dura e confusa, que trazia em si uma sensação fria e solitária como uma mágoa que ainda desconhecíamos, nos vimos surpreendidos, perigosamente surpreendidos.

Nós ficamos curiosamente paralisados quando a identificamos vindo em nossa direção, e nos mostramos terrivelmente confusos quando ela entrou no sistema de Satânia, e nos atingiu.

AS SOMBRAS CONTRA O SOL – 1,982 bi e2 - Tempo espírito – um encontro.

Tudo vibra, e em cada vibração, uma dimensão.

Sei que posso, só ainda não sei como...

- Que sentimento é esse que queima dessa forma tão terrível? Que nomes esses sentimentos possuem? Você sente o mesmo que eu estou sentindo? – perguntei para o que estava logo ao meu lado.

- Aparentemente é o mesmo. É uma vibração bem menor, mais...

- Tem pouca luz – cismou um outro mais distante, observando preocupado as formas que enxameavam em torno de Aden, que se mostravam tão perdidas quanto nós. – E essas formas parecem preferir viver apenas na quinta e sexta dimensões – observou com estranheza.

Então um de nós, Azazel, que estava mais próxima das formas de menos luz, se aproximou um pouco mais delas e estendeu sua consciência, ainda se mantendo ligada a nós. Nesse momento, para aumentar ainda mais nossa confusão, assim que aquelas formas tiveram consciência de nossa presença imediatamente se viraram para nos encarar. O que nos causou estranheza foram os sentimentos que demonstraram, os quais ainda não tínhamos experimentado. Não era amor aquilo, não havia luz no que nos enviavam.

Então, de súbito, tomados de uma pressa inimaginada eles avançaram contra a nossa irmã e a prenderam.

Eles estavam como ondas escuras, como uma fumaça pesada de onde parecia escorrer algo que não entendíamos o que poderia ser, a não ser que nos fazia imenso mal ficar em sua proximidade.

Um grito ouvimos, e em resposta um grito todos nós lançamos. Éramos milhões de milhões, atônitos, sem entender o que acontecia.

Relutantemente, como uma muralha tímida nos aproximamos um pouco mais, como sonâmbulos todos nós, sem entender o que estava acontecendo, apenas tentando entender o que acontecia com nossa irmã.

Os escuros, mantendo a nossa irmã aprisionada com determinação, se lançaram em nossa direção e tentaram capturar mais alguns de nós. Mas, já de sobreaviso, onde eles nos atacavam nos afastávamos, como uma massa gigantesca de sardinhas quando é atacada por algum predador. Eles faziam a curva no espaço, um riso sarcástico ecoando em nossos seres, e tentavam novamente, e novamente.

Algo do que acontecia já era do nosso conhecimento, como muito do que sentiam aquelas criaturas que atacavam a nossa irmã, e ficamos assustados, porque esse sentimento, e como reconhecê-lo, nos foi passado por Azazel, que mostrava estar em intensa agonia.

Nos afastamos para longe do alcance deles, confusos e assustados, enquanto nossa irmã era tomada de intenso temor, que também passou a ser nosso.

Foi um dos nossos irmãos, Amadiel, o que mais fervor tinha quando criava, que mudou sua aura e encarou a dor. Com uma velocidade estonteante o vimos avançar contra as formas

invasoras e tomar nossa irmã de volta, que já mostrava intensos sinais de agonia.

Os escuros tentaram impedir nosso irmão, estranhamente sem muito empenho. Eles os deixaram ir-se, felizes de terem, agora, o planeta e todo o sistema apenas para eles, porque nos afundamos e nos perdemos nos espaços escuros, onde nos refugiamos.

Demônios é o que eles eram, ouvimos como sussurro no espaço, como se eles assim quisessem ser conhecidos.

Mas uma imagem ficara na mente de um nosso irmão chamado Samael: era a imagem de um ser gigantesco, que nunca tínhamos visto, que apenas ficou observando de longe enquanto nossa irmã era resgatada. Foi esse imenso e estranho ser, Samael e nós sabíamos, que fizera um sinal muito sutil e cheio de um poder estranho para nós, e também para os outros que se chamavam por demônios, que impediu que os escuros não nos perseguissem. Como se houvesse um sussurro claro e límpido que flutuava na mente de Samael soubemos o nome daquela criatura: Mercator, o flagelo. Mas Samael tinha certeza de que notara algo diferente nele, meio diluída em toda aquela fúria desmedida: havia uma dor suave, quase imperceptível, apesar de manifesta, por mais que o demônio tentasse esquecer-se dela ou mantê-la oculta.

Por muito tempo cuidamos de nossa irmã que havia caído nas mãos dos escuros. Azazel sempre tivera uma luz marrom esverdeada, forte e linda, extremamente curiosa, e agora, observamos preocupados, sua luz se mostrava um tanto embaçada e havia fortes tons opacos se revolvendo dentro do que era, passando a olhar à volta com muito menos alegria e liberdade que antes mostrava.

Por longo tempo nós irradiávamos para ela nossa energia, ajudando-a a se recuperar. Mas, nesse processo, sua dor

nossa se tornou, e tomamos também contato sentido e mais aprofundado com a escuridão.

- Já vimos algo assim, em algum momento nosso? – cismou Samael, seus olhos preocupados voltados na direção de Satânia.

- Eu os senti em outros universos e dimensões. Eles não nasceram em Thanis - Azazel murmurou sentida.

- Eles não são novos – cismou Castiel, o sentimento flutuando pensativo. – Eles estão mais afeitos à quinta e sexta dimensões, parecendo estarem presos nelas...

Reconhecendo aquelas verdades, assombrados nós nos mantivemos afastados de Satânia e de suas proximidades por um enorme tempo.

Ocultos num canto remoto daquela pequena galáxia no universo de Thanis, que agora passamos a chamar Nébadon por causa da chegada das sombras, ficamos observando de longe, tentando entender o que estava acontecendo.

Sem conseguir assimilar vimos que o que tanto amávamos estava sendo adulterado e conspurcado. E, para aumentar ainda mais tudo o que sentíamos de mal, havia uma terrível dor em Aden, Mitra e Vintra, e pedidos magoados e silenciosos por ajuda ressoavam em nós. Mas, que ajuda poderíamos dar, se nem mesmo sabíamos o que eram aqueles seres de sombra que encobriam tudo em que punham suas vontades?

Mas, será que realmente os desconhecíamos?